

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 30/01/2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas Câmpus de Rio
Claro

LUIS ALBERTO LUNA GÓMEZ

O ESTADO NACIONAL DE COMPETÊNCIA: EXPROPRIAÇÃO E CONCENTRAÇÃO
- A REFINARIA BICENTENARIO DE ATITALAQUIA-TULA, HIDALGO, MÉXICO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de
Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor
em **Geografia**.

Orientador: Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Rio Claro – SP

2017

910 Gómez, Luis Alberto Luna
G633e O estado nacional de competência : expropriação e
concentração : a Refinaria Bicentenário de Atitalaquia-Tula,
Hidalgo, México / Luis Alberto Luna Gómez. - Rio Claro,
2017
236 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Geografia. 2. Expropriação. 3. Política de
posicionamento. I. Título.

Luis Alberto Luna Gómez

**O ESTADO NACIONAL DE COMPETÊNCIA: EXPROPRIAÇÃO E
CONCENTRAÇÃO
A REFINARIA BICENTENARIO DE ATITALAQUIA-TULA,
HIDALGO, MÉXICO**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em **Geografia**.

Comissão Examinadora

Profª. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Dr. Amilson Barbosa Henriques

Profª.Dra. Amalia Inés Geraiges de Lemos

Rio Claro, SP 30 de Janeiro_de 2017.

DEDICATÓRIA

Dedicada a mi mamá Carmen. A mi familia: Gaby, Gerardo, Jorge, Shelldon, Hugo, Juan, todos ellos orgullosamente Luna Gómez.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Bernadete Castro por apoio e a vontade de guiar esta pesquisa. Ela é muito boa professora.

Agradeço a meus professores: Dr. Paulo Godoy, Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, Dra. Cenira Maria Lupinacci da Cunha e Dra. Andréa Medinilha Pancher.

Agradeço a Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado (AUIP) dando apoio através de bolsas de estudo.

Agradeço a meus companheiros das aulas: Jaime, Sabil, Abbul, Rafael.

Agradeço na companhia dos meus amigos dançantes latino-americanos: Federico, Irene, Paola, Fredy, Yadira, Diego, José, Mateus, Blanca, Ruben, Lluís, Marcela, Rafael, Amilcar, José, Alex.

Agradeço a na República Manguetown: Gabriel, Messi, Renan, José.

EPÍGRAFE

EL PRINCIPIO

El principio fue inestable, insoportable, inexplicable
busqué signos de ti, tu huella, tu aroma, los rastros.
Abrí un libro, tomé varias hojas, hice algunos cálculos,
regresé por varias horas en todos los documentos,
no supe dónde te quedaste o si te olvide, pero te perdí.

Tomé el auricular y llamé a todos los números que pude,
supuse que la torpeza de mis dedos había vencido,
que olvidaste en algún instante mi existencia,
porque el instante de iluminación me propuso un giro.
Pensar que tú también me buscabas y decidí dejar rastros.

Elegí un cabello y lo solté al viento del norte,
me corte una uña y la solté en las arterias de lluvia,
tome una menta y la mastique en cantos épicos.

Oré, subí a la montaña para hablar con Dios sobre ti,
caminé de forma circular por el desierto hacia tu leche y miel.

Temí una búsqueda perdida, pero la ruta del ánima
me llevó al sí-mismo, que ahora comprende tu ausencia,
precisamente cuando está más de cerca la muerte.
(Luis A. Luna)

RESUMO

Esta pesquisa enfoca as transformações na região de Hidalgo, México, causadas pelo projeto da refinaria Bicentenario concebido em 2008, na região de Atitalaquia e Tula. As transformações espaciais foram derivadas de um projeto governamental, cuja especulação baseada na indústria e serviços sobre a desvalorização da terra, a fim de ganhar o máximo de lucro expropriando os camponeses. Nessa ação de diferentes atores sociais estão relacionados os agricultores da região, Petróleos Mexicanos (Pemex), o Sindicato dos Trabalhadores do Petróleo da República Mexicana (STPRM), a União Nacional dos Trabalhadores e Empregados Felipe Carrillo Puerto, o Governo Federal, também os governos estadual e municipal, e a ICA, a empresa imobiliária que ganhou licitação para fazer o projeto. Esses gestores realizaram seus propósitos em fases posteriores de acumulação que se enquadram, espacial e temporalmente no Estado Nacional de Competência (ENC). Essa política promoveu a sazonalidade do capital financeiro dentro de suas fronteiras, com base na política de posicionamento. Por esta razão, o quadro teórico e metodológico para esta pesquisa foi fornecido pela geografia crítica, observando a acumulação baseado no confronto das relações sociais e interesses do modo de produção capitalista neoliberal. O mapeamento do espaço e dados econômicos, sociais e ambientais, tais como valores de uso da terra, foram consultados os dados do Instituto Nacional de Estatística, Geografia e Informática (Inegi) e do Conselho Nacional de População (Conapo), fontes de dados prioritários, com destaque para o Marco Geoestadístico Municipal de 2010: Recenseamento da População e Habitação (2010), Censo Econômico e do Censo Agropecuário. É importante definir alguns conceitos que serão essenciais para a análise: por "Estado Nacional de Competência", se entende a formação histórica das relações estabelecidas em diferentes escalas dentro do México, que estão sendo divididas em dois pontos – políticas públicas e planos econômicos que tornam vulneráveis a produção camponesa e institui a flexibilização das relações de trabalho. Isso favoreceu economicamente grupos econômicos através de processos desregulamentação e da oferta de baixos valores do solo mexicano, causando distorções regionais profundas. E também a política de posicionamento, estratégia preparada pelo Estado Nacional de Competência para atrair capital financeiro nacional e internacional para que possa investir nos setores produtivos, sendo não só promotor, mas também receptor dos lucros advindos desses investimentos.

Palavras-chave: expropriação; refinaria Bicentenario; política de posicionamento; Estado Nacional de Competência; México.

ABSTRACT

This research focuses on the transformations in the region of Hidalgo, Mexico, caused by the Bicentenario refinery project conceived in 2008 in the region of Atitalaquia and Tula. The spatial transformations were derived from a government project whose speculation based on industry and services on land devaluation in order to earn maximum profit by expropriating peasants. In this action of different social actors are related the farmers of the region, Petróleos Mexicanos (Pemex), the Union of Workers of the Oil of the Mexican Republic (STPRM), the National Union of Workers and Employees Felipe Carrillo Puerto, the Federal Government, State and municipal, and ICA, the real estate company that won a bid to do the project. These managers carried out their purposes in later stages of accumulation that fit, spatially and temporally into the National Competence State (ENC). This policy promoted the seasonality of financial capital within its borders, based on the positioning policy. For this reason, the theoretical and methodological framework for this research was provided by critical geography, observing the accumulation based on the confrontation of social relations and interests of the neoliberal capitalist mode of production. The mapping of space and economic, social and environmental data, such as land use values, were consulted data from the National Institute of Statistics, Geography and Informatics (Inegi) and the National Population Council (Conapo), priority data sources. Highlighting the 2010 Municipal Geostatistical Framework: Census of Population and Housing (2010), Economic Census and Agricultural Census. It is important to define some categories for the understanding of this research and that will be essential for analysis. By "National Competition State" means the historical formation of relationships established at different scales within Mexico , which are being divided into two points - public policies and economic plans that make peasant production vulnerable and establish flexible labor relations. This economically favored economic groups through deregulation processes and the supply of low Mexican soil values, causing deep regional contradictions. And also the positioning policy, a strategy prepared by the National State of Competence to attract national and international financial capital so that it can invest in the productive sectors, being not only a promoter but also a receiver of the profits from these investments.

Keywords: expropriation; Bicentenario refinery; positioning policy; National State of Competence; Mexico.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1. Hidalgo, México</i>	<i>18</i>
<i>Figura 2. Região do Guanajuato.....</i>	<i>19</i>
<i>Figura 3. Localização das áreas em disputa pelo projeto da refinaria.</i>	<i>22</i>
<i>Figura 4. Atitalaquia-Tula, Hidalgo, México</i>	<i>28</i>
<i>Figura 6. Atitalaquia. Rede de intensidade de população emigrante a os estados e EUA, 2010</i>	<i>54</i>
<i>Figura 7. Tula. Rede de intensidade de população emigrante a os estados e EUA, 2010.....</i>	<i>55</i>
<i>Figura 10. Refinaria Miguel Hidalgo e representação.....</i>	<i>69</i>
<i>Figura 11. México, a taxa de migração de 2010 e número de maquiladoras de 2007.....</i>	<i>142</i>

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1. Investimento da refinaria Bicentenario.....</i>	<i>41</i>
<i>Tabela 2. Atitalaquia-Tula: população emigrante a os estados e EUA, 2010.....</i>	<i>56</i>
<i>Tabela 3. Escalas de intervenção do projeto da refinaria Bicentenario.....</i>	<i>59</i>
<i>Tabela 4. Atitalaquia: volume de produção agrícola. Toneladas, 1994-2011</i>	<i>88</i>
<i>Tabela 5. Atitalaquia: Subsídios ao campo, 1994-2011</i>	<i>88</i>
<i>Tabela 6. Tula: volume de produção agrícola. Toneladas, 1994-2011</i>	<i>89</i>
<i>Tabela 7. Tula: subsídios ao campo, 1994-2011</i>	<i>90</i>
<i>Tabela 8. Região: uso da terra e de produção de 2007</i>	<i>92</i>
<i>Tabela 9. A participação privada no setor de hidrocarbonetos.....</i>	<i>107</i>
<i>Tabela 10. Atores por escala espacial.....</i>	<i>116</i>
<i>Tabela 11. Padrões de desenvolvimento</i>	<i>127</i>
<i>Tabela 12. O padrão secundário exportador e suas variantes</i>	<i>129</i>
<i>Tabela 13. A migração internacional, índice de ruralidade e quantidade de maquiladoras</i>	<i>141</i>
<i>Tabela 14. Tipos de produtores mexicanos.....</i>	<i>144</i>
<i>Tabela 15. População Economicamente Ativa nas áreas rurais de México, 1990-2030.....</i>	<i>145</i>
<i>Tabela 16. Centrais eléctricas com investimento estrangeiro na operação e na construção</i>	<i>145</i>

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1. Porcentagem de empregados na indústria - 1999-2014.....</i>	<i>30</i>
<i>Gráfico 2. Porcentagem de remuneração na indústria (1999- 2014).....</i>	<i>31</i>
<i>Gráfico 3. Porcentagem de unidades econômicas industriais. (1999-2014).....</i>	<i>32</i>
<i>Gráfico 4. Homicídios na lei comum.....</i>	<i>35</i>
<i>Gráfico 5. Crimes de roubo de direito comum.....</i>	<i>36</i>
<i>Gráfico 6. Milho área colhida, 1994-2011</i>	<i>51</i>
<i>Gráfico 7. Área de alfafa colhida, 1994-2011.....</i>	<i>52</i>
<i>Gráfico 8. Atitalaquia: valor da produção de carne no canal, 1994-2011. Miles de pesos....</i>	<i>89</i>
<i>Gráfico 10. México, percentagem do consumo no turismo receptivo sobre a exportação de bens e serviços.....</i>	<i>147</i>

LISTA DE FOTOS

<i>Foto 1. Reconfiguração da habitação em Atitalaquia: 1) Após o projeto - 2) Antes do projeto.....</i>	<i>33</i>
<i>Foto 2. Terra. Vestígios históricos</i>	<i>34</i>
<i>Foto 3. Investimentos em novos imóveis e serviços.....</i>	<i>36</i>
<i>Foto 4. Parque industrial</i>	<i>48</i>
<i>Foto 5. Parque industrial. Diretório de Unidades Econômicas (DENUE)</i>	<i>49</i>
<i>Foto 6. A indústria em Atitalaquia</i>	<i>50</i>
<i>Foto 7. Modificações nas moradas</i>	<i>64</i>
<i>Foto 8. Mudanças ocorridas na área do projeto da refinaria</i>	<i>64</i>
<i>Foto 9. Trocas em no territorio.....</i>	<i>64</i>
<i>Foto 10. Um dos trajetos percorridos</i>	<i>65</i>
<i>Foto 11. Auto-construção III.....</i>	<i>66</i>

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Barris diários	BD
Comissão Federal de Eletricidade	CFE
Comissão Nacional da Água	CNA
Engineering Loading Front	FEL
Estado Nacional de Competência	ENC
Instituto Nacional de Antropologia e História	INAH
Milhões de barris diários	MBD
Partido da Revolução Democrática	PRD
Partido de Ação Nacional	PAN
Partido Revolucionário Institucional	PRI
Petróleos Mexicanos	PEMEX
Secretaria de Fazenda e Crédito Público	SHCP
Sindicato dos Trabalhadores de Petróleo	STPRM

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
MÉTODO	23
CAPÍTULO 1 - Caracterização da área de estudo.....	28
CAPITULO 2 - Os grupos sociais na região	45
2.1 Desenvolvimento no espaço dos grupos industriais	46
2.2 Grupos rurais precarizados: camponeses, trabalhadores e emigrantes	51
2.3 Subsunção e cumplicidade dos grupos sociais.....	60
CAPÍTULO 3 - Formação histórica de uma região para a refinação	72
3.1 Constituição da heterogeneidade regional	86
CAPÍTULO 4 - O Diabo Negro: as determinações de reformar a propriedade de energia.....	95
4.1 As mudanças constitucionais	100
4.2 A PEMEX e a reforma de 2008	108
4.3 O Estado Nacional de Competência: petróleo e privatização	114
4.4 A reforma energética e poder de cooptação.....	117
CAPÍTULO 5 - O Estado Nacional de Competência e a política de posicionamento: espoliação e concentração	126
5.1 Reformas para a concentração e resistências	132
5.2 Desvalorização para acumulação	147
CONCLUSÕES	152
REFERÊNCIAS	155
ANEXOS	164
A.1 - Resposta ao pedido de informações.....	165
A.2 - Artigos publicados em revistas indexadas	168
A.3 - Reforma para os artigos 25, 27 e 28 da Constituição Mexicana, o ano de 2013.....	174
A.4 - Acompanhamento de jornais	182
A.5 - Notas sobre a refinaria Bicentenario em jornais.....	203

A terra camponesa



Foto: Gómes, 2016.

O desenvolvimento prometido



Foto: Gómes, 2015.

INTRODUÇÃO

A refinaria Bicentenario foi um projeto anunciado no México em 2008, pelo presidente Felipe Calderón, quando da comemoração dos 70 anos de exploração petrolífera. Suportada pelo Estado Nacional de Competência (ENC), essa proposta permitiu a valorização do capital financeiro para investimentos em capital produtivo com base na política de posicionamento.

As condições de instalação do projeto da refinaria Bicentenario levaram a uma questão de conflito territorial, estando competindo, particularmente, os governos estaduais de Guanajuato e Hidalgo, sendo vencedor o segundo. A partir da vitória alcançada pelo Estado de Hidalgo, muitas propostas foram feitas para o povo da Atitalaquia-Tula, Hidalgo, região para onde foi designada a construção da refinaria (FIGURA 1). Guanajuato também permaneceu com problemas enfrentados pelo projeto da refinaria, atingindo fundamentalmente os ejidatários. O governador que aceitou o projeto investiu em uma área de 933 hectares (RAMÍREZ, 2009). Em uma entrevista, um camponês de Guanajuato disse: “fui enganado pelas autoridades estaduais e corretores de imóveis” (Camponês de Villagrán, 03/2015).

O envolvimento de Guanajuato remonta ao convite lançado pela Pemex, mas que foi excluído, por ter sido considerado um lugar de alta poluição. No entanto, o partido político ultraconservador forçou o envolvimento do Estado, a fim de instalar a nova refinaria perto daquela que atualmente opera em Salamanca (ESPINOSA, 2009, p. 2). (FIGURA 2).

A localização geográfica da propriedade de 933 hectares, comprada pelo governo do Guanajuato, está localizada entre as cidades de Salamanca, Villagran e Juventino Rosas; cercada pela estrada com portagem Salamanca-Celaya e Irapuato-Querétaro. O Secretário do Estado de Desenvolvimento Econômico, Héctor López Santillana afirmou, na época, que o governo investira \$602.000.000 de pesos na compra dos 933 hectares (ESPINOSA, 2009, p. 2).

Figura 1. Hidalgo, México

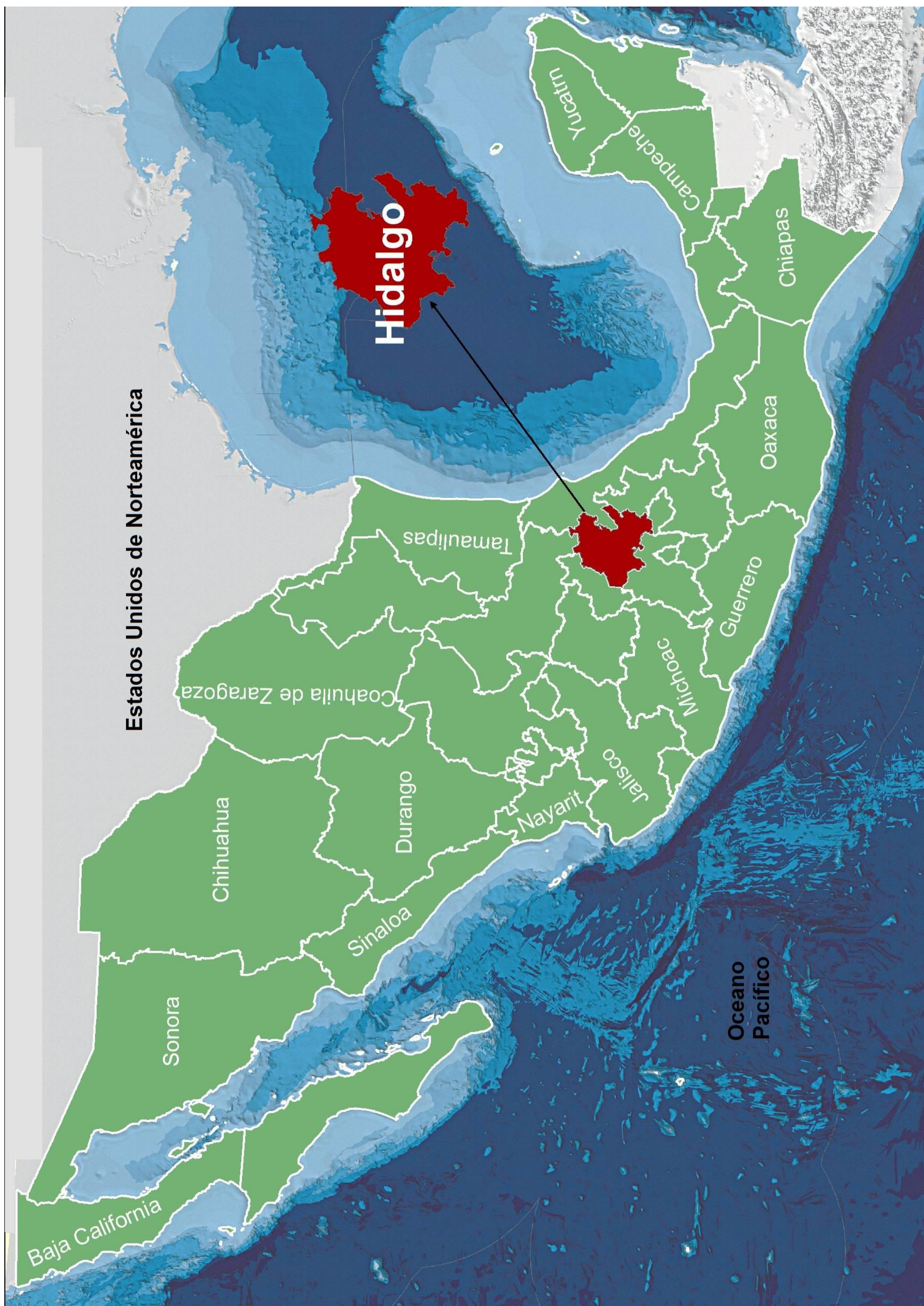
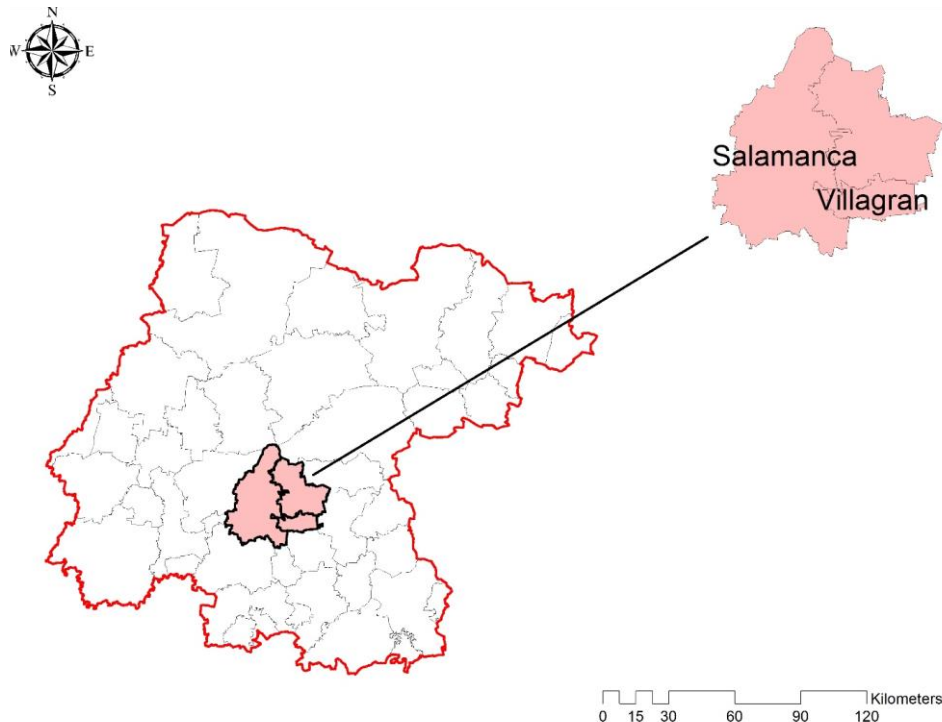


Figura 2. Região do Guanajuato



Organização: Luis Alberto Luna Gómez, 2014.

Após a ação do governo de Guanajuato com a compra da terra, os camponeses reagiram contra o fato de não terem obtido o projeto de petróleo, pedindo ao Governo Federal o ressarcimento de parte do investimento na aquisição do polígono. Solicitaram a quantia de \$3.000.000.000 de pesos para a reconfiguração da refinaria de Salamanca, ou para um projeto de desenvolvimento nessa área.

O governo de Guanajuato sublinhou que o projeto visava ao lado técnico da obra e que, em Salamanca, o investimento seria maior do que em Hidalgo, uma vez que o mercado-alvo seria a Cidade do México, implicando maior custo de transporte (ESPINOSA, 2009, 2).

Na área do polígono, viviam muitas famílias de agricultores que ficaram encurraladas em seus barracos olhando à distância a terra onde eles plantavam sorgo e milho. Com base na expropriação e especulação sobre as terras onde se havia projetado a expansão da indústria petrolífera, a agricultura foi desmantelada, resultando em áreas improdutivas.

A grande surpresa dos camponeses expropriados do Guanajuato foi descobrir que os corretores de imóveis pagaram preços diferentes por hectare, como alguns afirmavam ter recebido \$800.000 pesos por hectare, ao contrário dos \$3.000.000 de pesos que receberam outros. Conforme afirma um entrevistado: “estamos doentes dos nervos por esta situação” (Camponês de Villagrán, 03/2015). Afirmaram, ainda, que não iriam permitir a instalação da

empresa ou da fábrica, nem permitiriam a invasão de suas terras, mesmo sabendo que a terra não mais lhes pertencia.

A região de Guanajuato tem problemas ambientais pela elevada poluição da refinaria de Salamanca e está localizada a uma distância maior do que a região de Hidalgo, em relação à Cidade do México, cujo destino seria o dos produtos da refinaria Bicentenário. (FIGURA 3).

Askenazy et al. (2010) mencionam que a crise é muito mais do que uma crise econômica, é também social; destaca-se uma crise ecológica e geopolítica, confirmando a ruptura histórica com o passado do capitalismo fordista. Os autores admitem a consciência de uma crise sistêmica, que inaugura uma nova normalidade, seguida de mudanças profundas que, como iceberg, apenas começam a vislumbrar-se seu topo. (MÉNDEZ, 2012).

Como observa Ricardo Méndez (2012), a crise tornou-se o núcleo da economia mundial, tanto como de inúmeros países e regiões do mundo. Com o passar do tempo, revela a sua verdadeira dimensão, dissemina seus efeitos e confirma as incertezas associadas ao processo de globalização.

A crise financeira tem origem na multiplicação dos mercados financeiros que ultrapassaram a chamada economia real, com a qual não tem relação. Que a riqueza é gerada comprando e vendendo dinheiro sem passar pela produção - é um capitalismo de casino. O aparecimento de produtos financeiros derivados, os swaps, CDO (*collateralized debt obligations*), CDS e a qualificação da dívida, procuraram multiplicar as trocas entre entidades para extrair mais-valias nas sucessivas compras e vendas e distribuir os riscos que, na realidade, tiveram impacto em todo o sistema, simultaneamente, se sabia, porque é praticamente impossível saber o seu volume real. (MÉNDEZ, 2012).

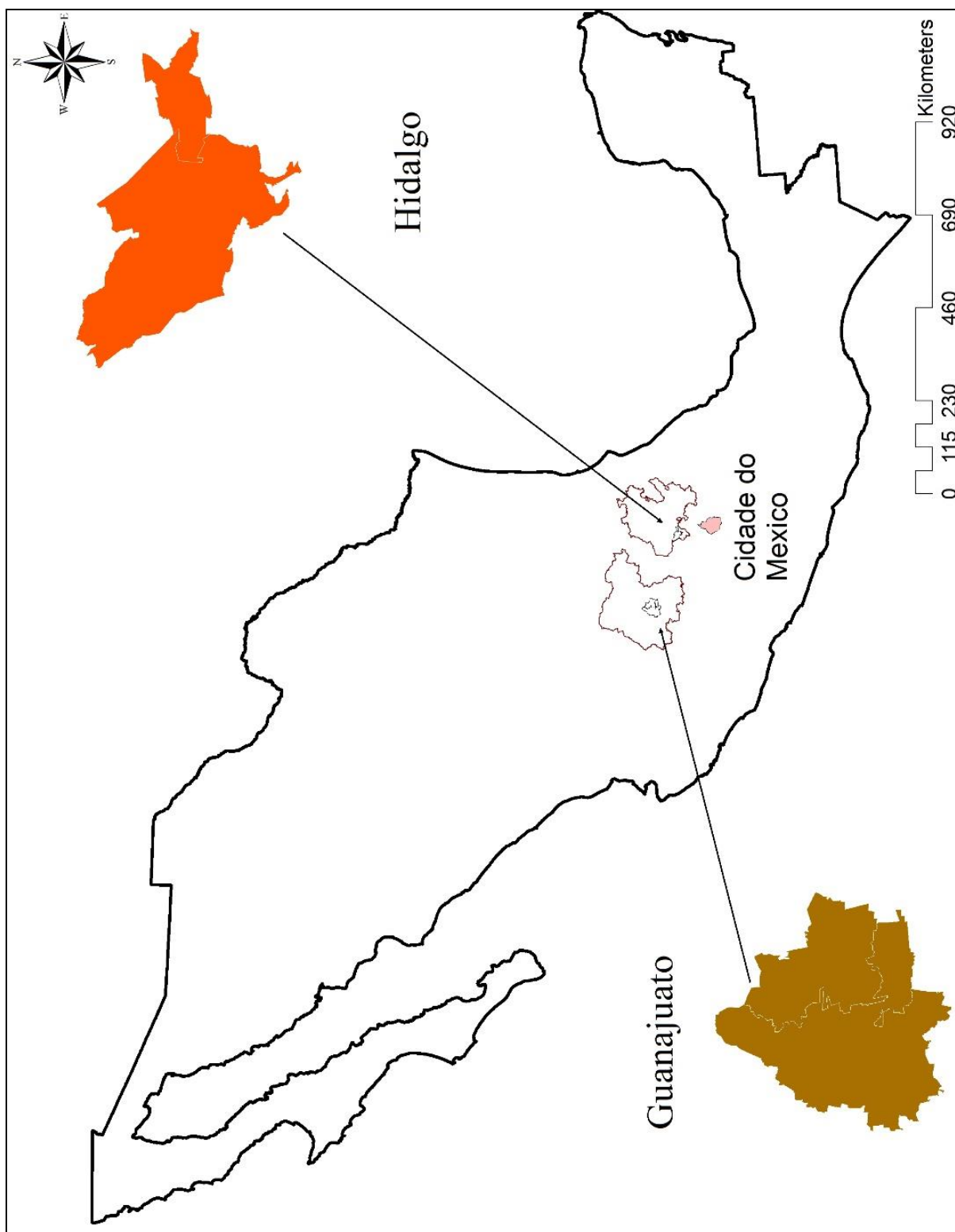
A diáspora de especuladores se infiltraram na economia real, afetando os indivíduos, impactando de forma mais acentuada os grupos sociais e territórios mais frágeis. (MÉNDEZ, 2012).

A recessão começou com uma redução do crédito que provocou o fechamento de empresas e a destruição de empregos, posteriormente, mudou-se para a desvalorização de ativos, como a habitação, a diminuição de rendas e freio do consumo, tudo isso, reduz as receitas públicas, aumenta o déficit e o obriga a reduzir a despesa e o investimento público, rebaixando os níveis de bem-estar da população (MÉNDEZ, 2012).

A bolha imobiliária foi apoiada em todos os países por um marco regulatório, no caso mexicano, a reforma do Artigo 27 constitucional o ano de 1992, que permitiu a venda da terra e expulsos os camponeses de suas comunidades, tratamento fiscal favorável à compra de habitação em frente à fraqueza do mercado de arrendamento. Finalmente, os investimentos

em infra-estrutura de transporte que serviu como material de apoio ao projeto, tornou possível a urbanização de extensas áreas do território, precariamente fornecendo qualidade de vida aos moradores.

Figura 3. Localização das áreas em disputa pelo projeto da refinaria.



Organização: Luis Alberto Luna Gómez, 2014.

CONCLUSÕES

A refinaria Bicentenario foi um projeto que levou à crise. Idealizada pelo Estado Nacional de Competência (ENC), essa proposta permitiu a valorização do capital financeiro para investimentos em capital produtivo com base na política de posicionamento.

As condições de instalação do projeto da refinaria Bicentenario levaram a uma questão de conflito territorial, perpetuando a crise no âmbito da regulação, energética, social e territorial. Após a compra da terra, conflitos familiares vieram para incentivar assassinatos entre os membros das famílias e assaltos às pessoas.

Ejidatários de Atitalaquia e Tula venderam cerca de 700 hectares, de uma terra que, no passado, contribuía para o cultivo de alfafa, milho, feijão e pimentão. Pode-se afirmar que a valorização do solo urbano foi concomitante com a desvalorização do solo rural e a queda da produtividade das atividades agrícolas.

A história de Atitalaquia-Tula tem a ver com as artérias que ligam a região metropolitana da Cidade do México com os Estados adjacentes, os quais fazem parte de uma região economicamente interligada.

Os capitais internacionais e a globalização permitiram a espoliação dos trabalhadores nas maquiladoras baseando-se, atualmente, na desigualdade maior entre os gêneros, permitindo a integração das mulheres nos mercados de trabalho em condições precárias.

A atividade de trabalho precária e flexibilizada se realiza por mulheres, mães solteiras e responsáveis por suas famílias, a dominação, o trabalho e as condições de emprego transgridem a ordem econômica tornando-se uma extensão das exigências laborais do neoliberalismo.

A região Atitalaquia-Tula, Hidalgo é a síntese de múltiplas determinações históricas e espaciais. Para observar essas determinações temos que ligar a escala regional, com outras escalas de influência, que permitem a internacionalização da economia mexicana.

As relações com o Estado foram se construindo politicamente através de medidas e enfrentamentos dentro de um novo jogo de imperativos regulatórios, fluxo desestabilizador do empoderamento das comunidades rurais. As reformas no México, propostas pelo poder executivo em 2013, formularam programas de assistência social, ativação das condições de normalização e de socialização entre desempregados e pobres no mercado de trabalho aprofundando a espoliação.

O projeto desencadeou um processo de industrialização e urbanização ligado com todos os fatores técnico-econômicos e socioculturais. A delimitação que se realizou da refinaria não é puramente geográfica, como o espaço foi entendido, em forma de contêiner, mas para levar em conta aspectos econômicos, sociais, étnicos e políticos. Da mesma forma, o vale natural onde ela se encontra não é homogêneo, muito pelo contrário, existem diferenças nas distintas áreas que o compõem, acirrando as desigualdades.

A nova forma social tende a reduzir os homens a números, mas também transforma os recursos naturais moedas de troca de baixo valor. A vida distorcida com toda a certeza, emerge das coisas, transformando os produtos sociais em seres animados, o petróleo no México é esse terrível Diabo Negro, o "Deus dos senhores da terra", um ser animado que devora os homens que dão a vida.

A procura incessante da importância do petróleo, passa pela estrutura axiomática que define a cosificación. A racionalidade do capital sucumbiu à sua irracionalidade autoinduzida do mercado.

A política de posicionamento que tem uma estratégia de crescimento para fora, fez da manufatura e os recursos naturais o principal setor da economia, trabalho barato e tributação privilegiada.

A economia nacional depende fortemente das receitas do petróleo. O artigo 27 da Constituição dá um papel estratégico para a energia: reivindica para a nação a propriedade dos recursos do subsolo e entrega à Pemex o controle de toda a cadeia de produção, mesmo antes da reforma energética, iniciada no final de 2013 e início de 2014. Em um amplo espectro, a Pemex logrou abastecer durante 30 anos o mercado nacional como uma energia de baixo custo, promovendo assim o desenvolvimento industrial em alguns setores-chave da economia: a agricultura com os fertilizantes, bem como o transporte e ramais da indústria, cimento, vidro, indústria de ferro e aço, etc.

A reforma energética foi uma parte incondicional do vasto esquema de deslocamento do complexo petroelétrico articulado do Ministério das Finanças, através de empresas de consultoria Cambridge Energy Associates, McKinsey, Booz Allen Hamilton e fundações como Heritage, cujos estudos, três décadas atrás. São um programa de ajuste estrutural para a desnacionalização de todas as atividades de *upstream*, exploração e produção, bem como a jusante, refino, petroquímica, distribuição, comercialização, para as empresas ExxonMobil, Chevron/Texaco, Conoco/Phillips, BP-Amoco e Shell.

Os verdadeiros vencedores da reforma energética são os bancos, capitais financeiros transnacionais que receberão juros das receitas do petróleo; empresas estrangeiras que irão

apropriar-se de grande parte das receitas do petróleo e dos recursos energéticos no México, o que irá gerar lucros para seus acionistas, vindos de receitas do petróleo; empresas de máquinas e tecnologia, que recebem pagamentos mais elevados do que os pagos em outros países, os quais serão efetuados com parte das receitas do petróleo; governos e cidadãos estrangeiros recebem impostos pagos pelas empresas que operam no México; ex-funcionários mexicanos e um pequeno grupo de empresários mexicanos se tornaram consultores, conselheiros e acionistas de empresas nacionais e estrangeiras se beneficiaram e se beneficiarão dessa reforma.

Assim, o Estado age sobre os territórios de modo a criar um modelo fixo para o desenvolvimento e padrões de produção, em que a indústria continua a produção em massa, adaptada ao contexto nacional e internacional. Por meio da globalização, transformou a forma política do padrão secundário exportador no Estado Nacional de Competência, direcionando as reformas do Estado na Constituição Mexicana do ano 2013, feita pelo presidente Enrique Peña Nieto, ao setor energético e ao campo do trabalho, elaborando um pacote que inclui a reforma da educação, telecomunicações e reforma política.

Do lado da reforma energética terá participação o capital estrangeiro na exploração de hidrocarbonetos em áreas rurais e costeiras, que transforma áreas agrícolas em terrenos para uso de todo o processo de produção de energia a partir de recursos naturais, desestimulando o campo para a produção agrícola.

A reforma de energia abre a participação na extração e produção de energia, o que desnacionaliza a empresa que maior número de recursos disponíveis para o país e estimula o baixo envolvimento do Estado. Assim as reformas, energia e mão de obra confirmam as orientações do padrão de produção. Da mesma forma, as tentativas por terceirizar as atividades dos agricultores, através do turismo não têm sido eficazes como no padrão de produção, pois diminuiu essa atividade em áreas rurais.

A fim de superar as contradições ocorridas no modelo de produção à atual, o Estado mexicano tem impulsionado duas medidas: a desvalorização do solo rural com todos os seus recursos e a promoção de uma maior produtividade da força de trabalho, força do setor agrícola, concluindo que as reformas entram no período de consolidação final e das práticas de não retorno.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, John. Privatización, petróleo y democracia en México. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.
- ANGLÉS, Marisol. Reforma energética y cambio climático. Algunos puntos de desencuentro. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.
- ASKENAZY, Philippe, Coutrot, Orléan y Sterdyniak. **Manifeste d'économistes avertis**. París: Les Liens que Libèrent. 2010.
- BARLETT, Manuel. Reforma energética. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.
- BARTRA, Armando. Campesinos ¿Clase social o cajón de sastre? En: **La Jornada**. México: 14 de noviembre, núm. 26. 2009.
- BARTRA, Armando. Cuando los hijos se van. Dilapidando el bono demográfico. En: **La Jornada**. México, 4 de septiembre, núm.402. 2005.
- BATALLA, Ángel. Las dimensiones regionales del México contemporáneo. En: MARTÍNEZ, Carlos. **"Balance y perspectivas de los estudios regionales en México"**. México: UNAM-Miguel Ángel Porrúa. 1990.
- BATALLA, Ángel. **Las regiones geográficas en México**. México: Siglo XXI. 1969.
- BENDINI, M., BARBOSA, J. y LARA, S. **Una mirada sobre el campo de la sociología rural en América Latina**. México: UAM-Antropos. 2006.
- BOLOS, Silvia. **La constitución de actores sociales y la política**. México: Universidad Iberoamericana-Plaza y Valdez. 1999.
- BUSTAMANTE, Carlos. **Desarrollo regional en México**. México: UNAM-Universidad Autónoma de Aguascalientes.
- CABRERO, Enrique. Las Políticas descentralizadoras en el ámbito internacional. En: **Nueva Sociedad**, núm. 142. Venezuela. 1996.
- CALVA, José, **Desarrollo regional y urbano. Análisis estratégico para el desarrollo**, vol. 13, México: Consejo Nacional de Universitarios y Juan Pablos Editor. 2012.
- CANTO, Manuel. **Nuevos enfoques y nuevos actores del desarrollo social**. México: Universidad Autónoma Metropolitana. 2007.
- CÁRDENAS, Jaime. La reforma constitucional en materia de energía. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.

- CÁRDENES, Z., GARCIA, O. y GARCIA, S. **Autodidactismo Solidario**. México: Servicios educativos, A.C. 2008.
- CARREÓN, Victor y GRUNSTEIN, Miriam. Pemex: la no empresa de todos los mexicanos? Por qué Pemex no es una verdadera empresa pública y por qué debe serlo. En: **Revista Legislativa de Estudios Sociales y de Opinión Pública**. Vol. 4, núm 8, julio-diciembre. 2011.
- CASTELLS, Manuel. **La era de la información**. México: Siglo XXI. 2002. vols. I y III.
- CASTILLA, Beatriz y LABRECQUE, Marie. “Las maquiladoras del sur de México y de América central: trabajo, género e identidad”. **TRACE. Travaux et Recherches dans les Amériques du Centre**, núm 55, junio, pp. 3-15. 2009.
- CASTILLA, Beatriz y TORRES, Beatriz. “Del hogar a la fábrica. Trabajadoras de las empresas transnacionales en Yucatán, México”. **TRACE Travaux et Recherches dans les Amériques du Centre**, 55, junio, p. 31-52. 2009.
- CELIS, Darío. Arranca Pemex etapa más visible de la Refinería Bicentenario y trae ICA 3 o 4 paquetes más. **Excelsior**. 2012.
- Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria. **México: migración y remesas**. México: Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria. 2014.
- CEPAL. **América Latina y el Caribe: indicadores macroeconómicos del turismo**. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 2011.
- CEPAL. **Efectos sociales de la globalización sobre la economía campesina**. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 1999.
- CEPAL. **Equidad, desarrollo y ciudadanía**. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 2000.
- CEPAL. **Estudio económico de América Latina**. México: Cepal. 1957.
- CEPAL. **Indicadores sociales básicos de la subregión norte de América Latina y el Caribe**. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 2009.
- CEPAL. **Modelos de desarrollo, papel del Estado y políticas sociales: nuevas tendencias en América Latina**. Chile: Document LC/R. 1575. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 1995.
- CONAPO. **Índice de Emigración y Marginación, 2010**. México: Conapo. 2010.
- CONAPO-BBVA Bancomer. **Anuario de emigración y remesas**. México. México: Conapo-BBVA Bancomer. 2013.
- CORDERA, Rolando y Provencio Enrique. **Informe del desarrollo en México 2015**.

México: UNAM. 2016.

De la O, María. “El trabajo de las mujeres en la industria maquiladora de México: Balance de cuatro décadas de estudio”. En: **Revista de Antropología Iberoamericana**. Vol 1. Núm. 3, agosto-diciembre. Madrid: Antropólogos Iberoamericanos en Red. p. 398-419. 2006.

De la ROSA, José. y LUNA, Luis. (2007). “Participación ciudadana en los programas de vivienda”. En: Tamayo, S. (coord.). **El bando 2, un análisis multidimensional de la política de vivienda en el gobierno del Distrito Federal, 2000-2006**. México: SEDUVI, UACM y CAM. 2007.

De la VEGA, Ángel. **La evolución del componente petrolero en el desarrollo y transición de México**. México: UNAM. 1999.

Delgadillo, Javier, Torres, Felipe y Gasca, José. *Distorsiones del desarrollo regional de México en la perspectiva de la globalización*. **Revista Momento Económico**, núm 115, mayo-junio, 2011.

DOLLFUS, Olivier. **El espacio geográfico**. España: Oikos-tau. 1982.

ESPINOSA, Verónica. 933 hectáreas... ¿para qué? **Proceso**. 2009, Septiembre, 1715.

FABRE, D. “La labor socioeducativa desde el Capital Social”. **Revista Argentina de Sociología**. Año 12, núm. 13. pp. 95-124. 2009.

FERNÁNDEZ, Gabriel. El mercado petrolero internacional. En: **Reporte No. 66. Reforma Energética**. México: CESOP. 2013.

FLORES, Nancy. Pemex: compras por 1 mil millones de dólares en fin de sexenio. **Contralínea**. 17, octubre, 2012.

FRANCO, Rolando. **Los paradigmas de la política social en América Latina**. Santiago de Chile: CEPAL. 1996.

FROMM, Erich y MACCOBY, M. **Sociopsicoanálisis del campesino mexicano**. México: Fondo de Cultura Económica. 2007.

GALARZA, Ricardo. & VAZQUEZ, Gisela. A cosechar gasolina. **Expansión**. 2009, May, vol. 40, 1015.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. México: Siglo XXI. 1971.

GARCÍA, S. **Del autodidactismo solidario a la autogestión: seis años después. Experiencias en comunidades del Valle del Mezquital, Hidalgo, México**. México: CREFAL. 1991.

GONZÁLEZ, José. “El sector privado y Pemex. Algunos datos sobre la normatividad aplicable al respecto”. En: **Reporte Cesop, número 66**, julio. México: Cesop. 2013.

GONZÁLEZ, José. **Refinerías en México. Retos y posturas para una revisión en el**

- ámbito legislativo.** México: Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública. 2013.
- GONZÁLEZ, José. **Reforma Energética, refinerías y opinión pública.** México: Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública. 2014.
- GONZÁLEZ, José. **Sector privado y generación de energía eléctrica.** México: Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública. 2010. P. 38.
- GRAMMONT, H. La evolución de la producción agropecuaria en el campo mexicano: concentración productiva, pobreza y pluriactividad. **Andamios**, 7(13, mayo agosto), 85-117. 2010.
- GRUNSTEIN, Miriam. Reforma petrolera: pasos y tropiezos del proceso de México. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias.** México: UNAM. 2015.
- HARVEY, David. **Espacios del capital. Hacia una geografía crítica.** México: Akal. 2014.
- HARVEY, David. **La condición de la posmodernidad. Investigación sobre los orígenes del cambio cultural.** Buenos Aires: Amorrortu. 2004.
- HARVEY, David. **Los límites del capitalismo y la teoría marxista.** México: Fondo de Cultura Económica. 1990.
- HARVEY, David. Sobre reajustes espacio-temporales y acumulación mediante desposesión. **Revista Viento Sur**, N 447, 16/04/04. p.1-26.
- HARVEY, David. **The New Imperialism.** Oxford, New York. 2003.
- HEIDEGGER, Martín. **El ser y el tiempo.** México: Fondo de Cultura Económica. 1971.
- HIRSCH, J; KANNANKULAM, J. The Spaces of Capital: The Political Form of Capitalism and the Internationalization of the State. **Antipode**. 43, 1, 12-37, Jan. 2011.
- HIRSCH, Joachim. **El Estado Nacional de Competencia. Estado democracia y política en el capitalismo global.** México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco. 2001.
- HIRSCH, Joachim. **Globalización, capital y Estado.** México: UAM-X. 1996.
- HOLLOWAY, John. “Crisis, fetichismo y composición de clase”. **Revista Relaciones**, núm 3. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco. 1990.
- HOLLOWAY, John. La reforma del Estado: Capital global y Estado. **Perfiles Latinoamericanos**, diciembre, núm. 1, México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. 1992.
- IBARRA, David. Crisis y reformismo en México. En: **Configuraciones**, 35. México. 2013. P. 17.
- IMCO. **Nos cambiaron el mapa. México ante la revolución energética del siglo XXI.** México: Instituto Mexicano para la Competitividad. 2013.
- INEGI. **Censo de Población y Vivienda 2010.** México: Instituto Nacional de Estadística,

Geografía e Informática. 2010.

INEGI. **Censos Agropecuarios 2007**. México: Inegi. 2007

INEGI. **Censos Económicos 1994**. México: Inegi. 1994.

INEGI. **Censos Económicos 1999**. México: Inegi. 1999.

INEGI. **Censos Económicos 2004**. México: Inegi. 2004.

INEGI. **Censos Económicos 2009**. México: Inegi. 2009.

INEGI. **Directorio de Unidades Económicas. DENUÉ**. México: Inegi. 2016.

INEGI. **Estadística de la Industria Maquiladora de Exportación (EMIME) 2006**. México: Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática. 2007.

INEGI. **Estadísticas de Hidalgo**. México: Inegi. 2010.

INEGI. **Medición de la Economía Informal 2003-2012, Base 2008**. México: Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática. 2014.

INEGI. **Módulo sobre Disponibilidad y Uso de las Tecnologías de la Información y comunicación en los Hogares**. Aguascalientes: INEGI. 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica de la razón pura**. México: Fondo de Cultura Económica-Universidad Autónoma Metropolitana-Universidad Nacional Autónoma de México. 2009.

KAY, Cristóbal. Estrategias de vida y perspectivas del campesinado en América Latina. En: **ALASRU Análisis latinoamericano del medio rural**. Número 1. Universidad Autónoma Chapingo. 2005.

KAY, Cristóbal. Pobreza rural en América Latina: teorías y estrategias de desarrollo. En: **Revista Mexicana de Sociología**. 69, núm 1, enero-marzo. 2007. P. 69-106.

KERGOAT, Daniele. (2003). “De la relación social de sexo al sujeto sexuado”. **Revista Mexicana de Sociología**, año 65, núm 4. Octubre-Diciembre.

KERRY, John. “**Oil, México, and The Transboundry Agreement**”, A Minority Staff Report. Prepared for the use of The Committee on Foreign Relations, United States Senate, One Hundred Twelfth Congress, Second Session, Printed for the use of The Committee on Foreign Relations. Washington, D.C. December 21, 2012.

LA BLACHE, Vidal. **La France. Tableau, Géographique**. Paris: Librairie Hachette & C.

LACOSTE, Yves. **La geografia: um arma para la guerra**. Barcelona: Editorial Anagrama. 1977.

LAPYDA, ILan. Durkheim e a crise financeira: reflexoes sobre anomia e a relação economia e sociedade. **Plural, Revista do Programa de Pos-Graduacao em Sociología da USP**, São Paulo, v. 17, 2010, p. 35-58.

- LEFEBVRE, Henry. **La presencia y la ausência. Contribución a la teoría de las representaciones.** México: Fondo de Cultura Económica. 2006.
- LEFEBVRE, Henry. **The Production of Space.** Ney York: Blackwell Publishing. 1991.
- LENCIONI, Sandra. Região e geografia. A Noção de região no pensamento geográfico. En: Ana Fani y Alessandri Carlos. **Novos caminhos da geografia.** Sao Paulo: Editora Contexto. 2005.
- LÓPEZ, Liliana y RAMÍREZ, Blanca. **Pensar el espacio: región, paisaje, territorio y lugar en las ciencias sociales.** Mimeo. 2010.
- LUNA, Luis. La desvalorización de la tierra en el patrón de producción, agudizada por las reformas energética y laboral de Enrique Peña Nieto. **Estudios Socioterritoriales. Revista de Geografía.** Núm 16, vol. 1, jul-dic 2014, pp. 47-80. 2014.
- MAIER, Elizabeth. (2006). “Tránsitos territoriales e identidad de las mujeres indígenas migrantes”. **Papeles de Población**, enero-marzo, número 47. México: UNAM.
- MARQUÉZ, Daniel. Modelos histórico-jurídicos de contratación en petróleos mexicanos. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias.** México: UNAM. 2015.
- MARSTON, Sally. “The social construction of scale”. **Progress in Human Geography.** 24(2). Pp. 219-225. 2000.
- MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **O 18 Brumário de Louis Bonaparte.** Lisboa: Edições Avante. 1984.
- MARX, Karl. **El Capital. Crítica de la economía política.** México: Fondo de Cultura Económica. 1999.
- MASSEY, D. New Directions in Space. In J. Gregory (Ed.), **Social Relations and Spatial Structure.** London: McMillan. 1985
- MCCRUMMEN, Stephanie. “Mexican oil workers fear Pemex proposal”, The Washigton Post, 13 de Agosto de 2013.
- MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D., MARTIN, R.(org.) **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.
- MEIXUEIRO, Gustavo. e BACA, Arón. **La reforma energética en la opinión pública.** México: Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública. 2013. p. 29
- MEIXUEIRO, MORENO y MARTÍNEZ. **Desarrollo regional y competitividad en México.** México: CESOP. 2012.
- MÉNDEZ, Ricardo. Crisis económica y reconfiguraciones territoriales. **Crisis económica e**

impactos territoriales- V Jornadas de Geografía Económica AGE Univ. de Girona. 2012. p. 37-73.

MONREAL, Ricardo. **Privatización del petróleo. El robo del siglo.** México: D3 Ediciones S.A. de C.V. 2014.

MOTA, Dinorath. Deja Refinería Bicentenario incertidumbre y frustración. **El Universal.** 2011. 10/01.

NAVARRO, Alejandro. **La reestructuración organizacional en Petróleos Mexicanos.** México: Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública. 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **La voluntad de poder.** España: Biblioteca Edaf. 2006.

OCDE. **Análisis del extensionismo agrícola en México.** París: OCDE. 2011. P. 72.

PARDO, María. **Capital Social y Política Social en México.** México: El Colegio de México. 1999.

PASCUAL, Carlos. **Written Testimony of Special Envoy and Coordinator for International Energy Affairs,** Subcommittee on the Western Hemisphere United States House of Representatives, Energy and the Western Hemisphere, April 11, 2013.

PECK, Jamie. Economías políticas de escala: políticas rápidas, relaciones interescales y workfare neoliberal. En: Ramiro FERNÁNDEZ y Carlos Brandao (Coord.). **Escalas y políticas del desarrollo regional.** Argentina: Miño y Davila-Universidad de Litoral. 2010.

PEDRERO, Mercedes. “Las condiciones de trabajo en los años noventa en México. Las mujeres y los hombres: ¿ganaron o perdieron?” **Revista Mexicana de Sociología**, año 65, núm. 4. Octubre-Diciembre. p. 733-761. 2003.

PEMEX. **Diagnóstico Municipal. Atitalaquia.** México: PEMEX. 2015.

PÉREZ, Ana. “Refinería Bicentenario: 9 mil millones de pesos tirados a la basura”. En: **Proceso.** 14/03/2015.

PROCESAM-COLMEX-REAP. **Encuesta Nacional a Hogares Rurales de México.** México: PROCESAM-Colegio de México y REAP. 2002.

Quilaqueo, Gustavo. **¿Campesinos sin agricultura? Las estrategias de los campesinos de Acámbaro, Guanajuato. Entre el maíz y los dólares.** Maestría en Ciencias en Desarrollo Rural Regional. México: Universidad Autónoma Chapingo. P. 180. 2005.

RAMÍREZ, César. **Globalización, neoliberalismos y estrategias de los actores regionales en la agricultura mexicana (Los productores frijoleros y la globalización propuesta).** Tesis doctoral. México: Universidad Autónoma Metropolitana. 1997.

- RAMÍREZ, Gabriel. Infraestructura de hidrocarburos en la ciudad de México, 1970-2008. En: Garza, G. **Valor de los medios de producción socializados en la Ciudad de México**. México: El Colegio de México. 2014.
- RAMÍREZ, José. Gana Guanajuato batalla por refinería. **El Sol de Irapuato**. 2009. 31/07.
- RASCÓN, Fernando. et al. **Tipología de productores de México**. México: CEDRSSA. 2006.
- ROBLES, Héctor. **El sector rural en el siglo XXI. Un mundo de realidades y posibilidades**. México: Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria. 2007.
- RODRÍGUEZ, Victor. Los riesgos de los contratos de riesgo. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.
- ROUSSEAU, Isabel. Pemex y la política petrolera: los retos hacia el futuro. En: Méndez, J. **Los grandes problemas de México. Políticas Públicas**. México: El Colegio de México. 2012.
- RUBIO, Blanca. **Explotado y excluidos. Los campesinos latinoamericanos en la fase agroexportadora neoliberal**. México: Universidad Autónoma Chapingo-Cetros Regionales y Plaza y Valdés. 2003.
- SÁNCHEZ, María. et al. La inversión privada en el sector eléctrico en México: marco institucional y estructura territorial. En: **Investigaciones geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía de la UNAM, núm. 54, México: UNAM. 2004. p. 82.
- SANTOS, Milton. **La naturaleza del espacio: técnica y tiempo**. Razón y emoción. Barcelona: Ariel. 2000.
- SAXE-FERNÁNDEZ, John. Flexibilización constitucional y reingreso a México de las petroleras nacionalizadas por Lázaro Cárdenas. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.
- SAXE-FERNÁNDEZ, John. **La compraventa de México. Una interpretación histórica y estratégica de las relaciones México-Estados Unidos**. México: UNAM y Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades. 2015.
- SENNETT, Richard. **Cuerpo y piedra. El cuerpo y la ciudad en la civilización occidental**. Madrid: Alianza Editorial. 1997.
- SHEINBAUM, Claudia. La Reforma Energética en el contexto internacional. Jaime Cárdenas (Coord.). **Reforma Energética. Análisis y consecuencias**. México: UNAM. 2015.
- SMITH, Neil. "Homeless/global: Scaling places". En: Bird, J.; Curtis, B.; Putnam, T.; Robertson, G. y Tickner, L. (eds). **Mapping the futures-Local cultures, global change**. Londres: Routledge. 1993.

- SMITH, Neil. The Future is Radically Open. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. 14, 3, 954-964, Sept. 2015.
- SNOECK, M. **La industria de refinación en México, 1970-1985**. México: El Colegio de México. 1989.
- SOTO, Orquídea. El espejismo de la refinería. **Expansión**. 2010. Sep, Vol. 41, Núm. 1048.
- STAVENHAGEN, R. **Informe final del estudio socioantropológico de la refinería de Tula. México**. México: Pemex. 1973.
- SWYNGEDOUW, Eric. "Excluding the other: The contested production of a new 'Gestalt of Scale', and the politics of marginalization" En Lee, R. y Wills, J. (eds). **Geographies of Economies**. Londres: Edward Arnold. Pp. 167-177. 1997.
- SWYNGEDOUW, Eric. "Scaled Geographies: Nature, Place and Politics of Scale" en Sheppard, E. y McMaster, R (eds.) **Scale & Geographic Inquiry: Nature, Society and Method**. Londres: Blackwell. Pp. 129-152. 2003.
- TAUSSIG, Michael. (1993). **El diablo y el fetichismo de la mercancía en Sudamérica**. México: Nueva Imagen.
- TAUSSIG, Michael. (2015). **La magia del Estado**. México: Siglo XXI.
- TOLEDO, Victor. **Ecocidio en México. La batalla final es por la vida**. México: Grijalbo. 2015.
- TOURAINÉ, Alain. **Los movimientos sociales. ¿Podremos vivir juntos? Igales y diferentes**. México: Fondo de Cultura Económica. 1997.
- VALENZUELA, J. **Crítica del modelo neoliberal. El FMI y el cambio estructural**. México: UNAM. 1992.
- VALENZUELA, José. **¿Qué es un patrón de acumulación?** México: UNAM-Facultad de Economía. 1990.
- VELTZ, Pierre. **Mundialización, ciudades y territorios**. Barcelona: Ariel. 1999.
- WEBER, Max. **Economía y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica. 2004.
- WERLEN, Benno. **Society, action, and space**. Londres: Routledge. 1993.
- WIONCZEK, M. Algunas reflexiones sobre la futura política petrolera de México. En: **Desarrollo económico**, 23 (89 abril-junio). 59-78. 1983.
- ZAPATA, Emma y SUÁREZ-Blaca. "Migración: reasignación de roles en espacios locales y transnacionales". **Ra Ximhai**, enero-abril, 8(1). Sinaloa: Universidad Autónoma de México Mochicahui, El Fuerte. p. 45-63.
- ZEMELMAN, Hugo. **Problemas antropológicos y utópicos del conocimiento**. México: Colegio de México y Centro de Estudios Sociológicos. 1997.